

LEANDRO GOMES DE BARROS

O CAVALO QUE DEFECAVA DINHEIRO



Ed Especial - 1 000 exemplares - Capa: Klévisson - Janeiro de 2 000



LITERATURA DE CORDEL

Leandro Gomes de Barros



HISTÓRIA DO CAVALO QUE DEFECAVA DINHEIRO

**Na cidade Macaé
Antigamente existia
Um duque velho invejoso
Que nada o satisfazia
Desejava possuir
Todo objeto que via**

**Esse duque era compadre
De um pobre muito atrasado
Que morava em sua terra
Num rancho todo estragado
Sustentava seus filhinhos
Na vida de alugado**

**Se vendo o compadre pobre
Naquela vida privada
Foi trabalhar nos engenhos
Longe de sua morada
Na volta trouxe um cavalo
Que não servia pra nada**

**Disse o pobre à mulher:
Como havemos de passar?
O cavalo é magro e velho
Não pode mais trabalhar
Vamos inventar um "quengo"
Pra ver se o querem comprar**

Foi na venda de lá trouxe
Três moedas de cruzado
Sem dizer nada a ninguém
Para não ser censurado
No fiofó do cavalo
Foi o dinheiro guardado

Do fiofó do cavalo
Ele fez um mealheiro
Saiu dizendo: sou rico
Inda mais que um fazendeiro
Porque possuo um cavalo
Que só defeca dinheiro.

Quando o duque velho soube
Que ele tinha esse cavalo
Disse pra velha duquesa:
Amanhã vou visitá-lo
Se o animal for assim
Faço o jeito de comprá-lo

Saiu o duque vexado
Fazendo que não sabia,
Saiu percorrendo as terras
Como quem não conhecia
Foi visitar a choupana,
Onde o pobre residia.

Chegou salvando o compadre
Muito desinteressado
Compadre, como lhe vai?
Onde tanto tem andado?
Há dias que não lhe vejo
Parece está melhorado...

- É muito certo compadre
Ainda não melhorei
Porque andava por fora
Faz três dias que cheguei
Mas breve farei fortuna
Com um cavalo que comprei

- Se for assim, meu compadre
Você está muito bem
É bom guardar o segredo
Não conte nada a ninguém
Me conte qual a vantagem
Que este seu cavalo tem

Disse o pobre: ele está, magro
Só tem o osso e o couro,
Porém tratando-se dele
Meu cavalo é um tesouro
Basta dizer que defeca
Níquel, prata, cobre e ouro

Aí chamou o compadre
E saiu muito vexado,
Para o lugar onde tinha
O cavalo defecado
O duque ainda encontrou
Três moedas de cruzado,

Então exclamou o velho:
Só pude achar essas três
Disse o pobre: ontem à tarde
Ele botou dezesseis
Ele já tem defecado,
Dez mil réis mais de uma vez

Enquanto ele está magro
Me serve de mealheiro
Eu tenho tratado dele
Com bagaço do terreiro
Porém depois dele gordo,
Não há quem vença o dinheiro

Disse o velho: meu compadre
Você não pode tratá-lo,
Se for trabalhar com ele
É com certeza matá-lo
O melhor que você faz
É vender-me este cavalo

- Meu compadre, este cavalo
Eu posso negociar,
Só se for por uma soma
Que dê para eu passar
Com toda minha família,
E não precise trabalhar.

O velho disse ao compadre:
Assim não é que se faz
Nossa amizade é antiga
Desde os tempos de seus pais
Dou-lhe seis contos de réis
Acha pouco, inda quer mais?

- Compadre, o cavalo é seu
Eu nada mais lhe direi,
Ele, por este dinheiro
Que agora me sujeitei
Para mim não foi vendido,
Faça de conta que dei

O velho pela ambição
Que era descomunal,
Deu-lhe seis contos de réis
Todo em moeda legal
Depois pegou no cabresto
E foi puxando o animal

Quando ele chegou em casa
Foi gritando no terreiro:
Eu sou o homem mais rico
Que habita o mundo inteiro
Porque possuo um cavalo
Que só defeca dinheiro

Pegou o dito cavalo
Botou na estrebaria
Milho, farelo e alface,
Era o que ele comia
O velho duque ia lá
Dez, doze vezes por dia

Logo no primeiro dia
O velho desconfiou
Porque na presença dele
O cavalo defecou
Ele procurou dinheiro
Nem um tostão encontrou

Aí o velho zangou-se
Começou logo a falar:
Como é que meu compadre
Se atreve a me enganar?
Eu quero ver amanhã
O que ele vai me contar

Porém o compadre pobre,
Bicho do quengo lixado
Fez depressa outro plano
Inda mais bem arranjado
Esperando o velho duque
Quando viesse zangado

O pobre foi na farmácia
Comprou uma borrachinha
Depois mandou encher ela
Com sangue de uma galinha
E sempre olhando a estrada
Pra ver se o velho vinha.

Disse o pobre à mulher:
Faça o trabalho direito
Pegue esta borrachinha
Amarre em cima do peito
Para o velho não saber,
Como o trabalho foi feito

Quando o velho aparecer
Na volta daquela estrada
Você começa a falar
Eu grito: oh mulher danada!
Quando ele estiver bem perto,
Eu lhe dou uma facada

Porém eu dou-lhe a facada
Em cima da borrachinha
E você fica lavada
Com o sangue da galinha
Eu grito: arre danada!
Nunca mais comes farinha!

Quando ele ver você morta
Parte para me prender,
Então eu digò pra ele:
Eu dou jeito ela viver
O remédio tenho aqui,
Faço para o senhor ver.

Eu vou buscar a rabeça
Começo logo a tocar
Você então se remexa
Como quem vai melhorar
Com pouco diz: estou boa
Já posso me levantar.

Quando findou-se a conversa
Na mesma ocasião
O velho ia chegando.
Aí travou-se a questão
O pobre passou-lhe a faca,
Botou a mulher no chão.

O velho gritou a ele
Quando viu a mulher morta:
Esteja preso, bandido!
E tomou conta da porta
Disse o pobre: vou curá-la
Pra que o senhor se importa?

- O senhor é um bandido
Infame de cara dura
Todo mundo apreciava
Esta infeliz criatura
Depois dela assassinada,
O senhor diz que tem cura?

Compadre, não admito
O senhor dizer mais nada,
Não é crime se matar
Sendo a mulher malcriada
E mesmo com dez minutos,
Eu dou a mulher curada

Correu foi ver a rabeca
Começou logo a tocar
De repente o velho viu
A mulher se endireitar
E depois disse: estou boa,
Já posso me levantar

O velho ficou suspenso
De ver a mulher curada,
Porém como estava vendo
Ela muito ensangüentada
Correu ela mas não viu,
Nem o sinal da facada.

O pobre entusiasmado
Lhe disse: já conheceu
Quando esta rabeca estava
Na mão de quem me vendeu
Tinha feito muitas curas
De gente que já morreu

No lugar onde eu estiver
Não deixo ninguém morrer,
Como eu adquiri ela
Muita gente quer saber
Mas ela me está tão cara
Que não me convém dizer

O velho que tinha vindo
Somente propor questão,
Porque o cavalo velho
Nunca botou um tostão
Quando viu a tal rabeca
Quase morre de ambição

Compadre, você desculpe
De o ter tratado assim
Porque agora estou certo
Eu mesmo fui o ruim
Porém a sua rabeca
Só serve bem para mim.

Mas como eu sou um homem
De muito grande poder
O senhor é um homem pobre
Ninguém quer o conhecer
Perca o amor da rabeca
Responda se quer vender?

Porque a minha mulher
Também é muito estouvada
Se eu comprar esta rabeca
Dela não suporto nada
Se quiser teimar comigo,
Eu dou-lhe uma facada

Ela se vê quase morta
Já reconhece o castigo,
Mas eu com esta rabeca
Salvo ela do perigo
Ela daí por diante,
Não quer mais teimar comigo

Disse-lhe o compadre pobre:
O senhor faz muito bem,
Quer me comprar a rabeca
Não venderei a ninguém
Custa seis contos de réis,
Por menos nem um vintém.

O velho muito contente
Tornou então repetir:
A rabeca já é minha
Eu preciso a possuir
Ela para mim foi dada,
Voce não soube pedir.

Pagou a rabeca e disse:
Vou já mostrar a mulher
A velha zangou-se e disse
Vá mostrar a quem quiser
Eu não quero ser culpada
Do prejuízo que houver.

O senhor é mesmo um velho,
Avarento e interesseiro,
Que já fez do seu cavalo
Que defecava dinheiro?
Meu velho, dê-se a respeito,
Não seja tão embusteiro.

O velho que confiava
Na rabeca que comprou
Disse a ela: cale a boca
O mundo agora virou
Dou-lhe quatro punhaladas,
Já você sabe quem sou

Ele findou as palavras
A velha ficou teimando,
Disse ele: velha dos diabos
Você ainda está falando?
Deu-lhe quatro punhaladas
Ela caiu arquejando

O velho muito ligeiro
Foi buscar a rabequinha,
Ele tocava e dizia:
Acorde, minha velhinha;
Porém a pobre da velha,
Nunca mais comeu farinha.

O duque estava pensando
Que sua mulher tornava
Ela acabou de morrer
Porém ele duvidava
Depois então conheceu
Que a rabeça não prestava

Quando ele ficou certo
Que a velha tinha morrido
Botou os joelhos no chão
E deu tão grande gemido
Que o povo daquela casa
Ficou todo comovido

Ele dizia chorando:
Esse crime hei de vingá-lo
Seis contos desta rabeça
Com outros seis do cavalo
Eu lá não mando ninguém,
Porque pretendo matá-lo

Mandou chamar dois capangas:
Me façam um surrão bem feito
Façam isto com cuidado
Quero ele um pouco estreito
Com uma argola bem forte,
Pra levar este sujeito

Quando acabar de fazer
Mande este bandido entrar,
Para dentro do surrão
E acabem de costurar
O levem para o rochedo,
Pra sacudi-lo no mar

Os homens eram dispostos
Findaram no mesmo dia,
O pobre entrou no surrão
Pois era o jeito que havia
Botaram o surrão nas costas
E saíram numa folia

Adiante disse um capanga:
Está muito alto o rojão,
Eu estou muito cansado
Botemos isto no chão
Vamos tomar uma pinga
Deixe ficar o surrão.

- Está muito bem, companheiro
Vamos tomar a bicada,
Assim falou o capanga
Dizendo pro camarada
Seguiram ambos pra venda
Ficando além da estrada

Quando os capangas seguiram
Ele cá ficou dizendo:
Não caso porque não quero
Me acho aqui padecendo
A moça é milionária
O resto eu bem compreendo

Foi passando um boiadeiro
Quando ele dizia assim,
O boiadeiro pediu-lhe:
Arranje isto pra mim
Não importa que a moça
Seja boa ou ruim

O boiadeiro lhe disse:
Eu dou-lhe de mão beijada,
Todos os meus possuídos
Vão aqui nessa boiada
Fica o senhor como dono
Pode seguir a jornada

Ele condenado à morte
Não fez questão, aceitou,
Descoseu o tal surrão
O boiadeiro entrou
O pobre morto de medo
Num minuto costurou

O pobre quando se viu
Livre daquela enrascada,
Montou-se num bom cavalo
E tomou conta da boiada,
Saiu por ali dizendo:
A mim não falta mais nada.

Os capangas nada viram
Porque fizeram ligeiro,
Pegaram o dito surrão
Com o pobre do boiadeiro
Jogaram de serra abaixo
Não ficou um osso inteiro

Faziam dois ou três meses
Que o pobre negociava
A boiada que lhe deram
Cada vez mais aumentava
Foi ele um dia passar,
Onde o compadre morava

Quando o compadre viu ele
De susto empalideceu;
- Compadre, por onde andava
Que agora me apareceu?!
Segundo o que me parece,
Está mais rico do que eu

Aqueles seus dois capangas
voaram-me num lugar
eu caí de serra abaixo
até na beira do mar
aí vi tanto dinheiro,
quanto pudesse apanhar

Quando me falta dinheiro
Eu prontamente vou ver
O que eu trouxe não é pouco
Vai dando pra eu viver",
Junto com a minha família,
Passar bem até morrer

- Compadre a sua riqueza
Diga que foi eu quem dei
Pra você recompensar-me
Tudo quanto lhe arranjei
E preciso que me bote
No lugar que lhe botei

Disse-lhe o pobre: pois não
Estou pronto pra mostrar
Eu junto com os capangas
Nós mesmo vamos levar
E o surrão de serra abaixo
Sou eu quem quero empurrar

O velho no mesmo dia
Mandou fazer um surrão
Depressa meteu-se nele
Cego pela ambição
disse: compadre eu estou
A tua disposição

O pobre foi procurar
Dois cabras de confiança
Se fingindo satisfeito
Fazendo a coisa bem mansa
Só assim ele podia,
Tomar a sua vingança.

Saíram com este velho
Na carreira, sem parar
Subiram de serra acima
Até o último lugar
Daí voaram o surrão
Deixaram o velho embolar

**O velho ia pensando
De encontrar muito dinheiro
Porém sucedeu com ele
Do jeito do boiadeiro
Que quando chegou embaixo
Não tinha um só osso inteiro**

**Este livrinho nos mostra
Que ambição não convém
Todo homem ambicioso
Nunca pode viver bem
Arriscando o que possui
Em cima do que já tem**

**Cada um faça por si
Eu também farei por mim
É este um dos motivos
Que o mundo está ruim
Porque estamos cercados
Dos homens que pensam assim.**

FIM

Fortaleza, Dezembro de 1999

A publicação deste clássico da
LITERATURA DE CORDEL tornou-se
possível graças ao **APOIO CULTURAL** da:

EDITORA TUPYNANQUIM

Fone: (0xx83) 248-4675



O poeta paraibano Leandro Gomes de Barros, além de ser considerado pioneiro na publicação de folhetos rimados, é autor de uma obra vastíssima e da mais alta qualidade, o que lhe confere, sem exageros, o título de poeta maior da Literatura de Cordel.

Nascido em Pombal-PB, em 19 de novembro de 1865, faleceu no Recife-PE, no dia 04 de março de 1918, deixando um legado de quase mil histórias rimadas.

A "HISTÓRIA DO CAVALO QUE DEFECAVA DINHEIRO", escrita há quase 100 anos, foi recolhida e citada pelo folclorista cearense Leonardo Mota em "VIOLEIROS DO NORTE",

É também um dos folhetos que inspiraram Ariano Suassuna em "O AUTO DA COMPADECIDA".



GRÁFICA
Simões
Onde a qualidade não ficou só na impressão...





BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).